

OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTOJUVENIL ENTRE UNIVERSITÁRIOS DO TRIÂNGULO MINEIRO

Fabíola Cardoso Clemente*
 Helena Hemiko Iwamoto**
 Fernanda Carolina de Camargo***
 Joyce Mara Gabriel Duarte****
 Samantha da Silva e Cruz*****

RESUMO

Objetiva-se caracterizar jovens ingressantes em uma universidade pública do Triângulo Mineiro, Brasil, descrever como obtêm informações sobre violência sexual infantojuvenil, e discutir formas de acesso à temática durante a formação acadêmica. Trata-se de estudo exploratório, transversal, quantitativo-descritivo. Os dados foram coletados por questionário estruturado autoaplicável nas salas de aula da universidade em 2011. Participaram 946 estudantes (70,2% do total dos ingressantes), média de idade de 19,5 anos; 59,8% do sexo feminino, 93,7% solteiros, 79,0% cor da pele branca, maioria frequentou ensino médio em instituições privadas. Abuso sexual e pedofilia foram os temas mais conhecidos pelos universitários. Televisão e internet foram veículos de comunicação em que mais obtiveram informações sobre a temática. Apenas 40 estudantes haviam participado de cursos ou eventos que tratassem deste assunto. Identificaram diversas formas para abordagem da violência sexual infantojuvenil na formação acadêmica, como: estudos de caso, exibição e discussão de filmes, além das aulas expositivas. Canais de comunicação precisam ser estreitados entre as universidades e os jovens, no sentido de aprimorar as abordagens à violência sexual infantojuvenil. Esses resultados podem direcionar ações de maior diálogo entre academia, sociedade civil e poder público, que promovam abordagens mais efetivas no enfrentamento da violência sexual infantojuvenil.

Palavras-chave: Meios de Comunicação. Violência Sexual. Coleta de Dados. Saúde do Adolescente.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, a comunicação e a informação estão no centro das inovações tecnológicas, sobretudo para os jovens, que se encontram em situação vantajosa dada à habilidade em lidar com as tecnologias presentes em seu cotidiano⁽¹⁾. Eles têm ao alcance das mãos aparelhos eletrônicos que são fonte de informação e eficientes meios de comunicação, dotados de recursos de entretenimento; uma situação bem diferenciada da realidade de gerações anteriores^(1,2).

Neste contexto de inovações tecnológicas de informática e de comunicação, surge a necessidade de abordar uma problemática cada vez mais presente entre os jovens, a questão da violência. Observa-se que, atualmente, a

violência é considerada como fenômeno de ampla magnitude, principalmente por seus impactos na saúde, sequelando ou reduzindo anos potenciais de vida das vítimas⁽²⁻⁴⁾.

Além disso, as crescentes transformações da sociedade, como a urbanização acelerada, o consumismo e os avanços tecnológicos têm influenciado as relações humanas, de forma a desencadear desequilíbrios entre seus aspectos socioambientais. Essas relações assimétricas estão expressas por uma realidade de desigualdades, que propicia cada vez mais vulnerabilidades para a ocorrência de violências^(2,3).

Nesse cenário, destaca-se a violência sexual infantojuvenil. A sua expressão é perversa, pois crianças e adolescentes são induzidos, através do poder exercido por seu abusador, a realizarem uma atividade sexual não apropriada para sua

*Enfermeira trainee do Hospital São Marcos – Uberaba/MG. Graduada pelo Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: fabiolaclemente@yahoo.com.br

**Enfermeira. Doutora em Enfermagem (USP/Ribeirão Preto). Professora Adjunta e Docente do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu (Mestrado e Doutorado) em Atenção à Saúde da UFTM. E-mail: helenaiwamoto@gmail.com

***Enfermeira. Doutoranda em Atenção à Saúde (UFTM). Professora Assistente Depto Medicina Social UFTM. E-mail: fernandaccamargo@yahoo.com.br

****Enfermeira do Hospital de Clínicas da UFTM. Doutoranda em Atenção à Saúde. Mestre em Atenção à Saúde (UFTM). E-mail: joyceduarte@hotmail.com

*****Enfermeira. Graduada pelo Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: samantha.bx@hotmail.com

fase de desenvolvimento, ocasionando às vítimas graves danos físicos, psíquicos e morais⁽³⁻⁶⁾.

No Brasil, a violência sexual infantojuvenil é um tema permeado por questões socioculturais que tornam sua abordagem ainda mais complexa. Essa problemática apresenta-se como questão pública de relevância política em âmbito nacional desde a década de 90⁽⁶⁾. Trata-se de uma temática abrangente que requer estratégias interdisciplinares e intersetoriais para seu enfrentamento^(5,6).

Observa-se que, para a abordagem da violência sexual infantojuvenil, é requerida cada vez mais uma aproximação entre sociedade civil, setores públicos e privados de forma articulada, a fim de se organizar uma rede de proteção às crianças e aos adolescentes^(2,5). Entretanto, para que essa rede se desenvolva, é fundamental que hajam profissionais qualificados, sobretudo nas áreas da saúde, desenvolvimento social, educação e segurança pública, capazes de se envolverem de forma efetiva a promover intervenções mais resolutivas a cada caso⁽²⁻⁴⁾.

Tendo em vista que para o combate à violência sexual infantojuvenil é preciso buscar soluções inovadoras e aproximadas às realidades de vida das crianças e dos adolescentes⁽⁴⁾, desperta-se o interesse em investigar de que maneira ocorre a influência dos meios de comunicação e fontes de informação entre os jovens, diante da temática da violência sexual infantojuvenil.

Nesse contexto, a abordagem do tema violência sexual infantojuvenil é relevante na formação de jovens universitários, tendo em vista o potencial para lidarem com essa situação em sua prática profissional futura. Além disso, a aproximação com a temática poderá desvelar situações ocorridas com os próprios universitários ou com pessoas de sua proximidade, favorecendo um enfrentamento mais efetivo dos casos.

Todavia, os veículos de comunicação vêm exercendo um importante papel para o combate da violência, por meio de campanhas que oferecem informações e esclarecimentos sobre o assunto, reduzindo a delinquência e sua interferência negativa no desenvolvimento e na saúde de crianças e jovens⁽⁷⁾.

Por essa razão, o presente estudo objetiva caracterizar os jovens ingressantes de uma

universidade pública, descrever como obtém informações sobre violência sexual infantojuvenil e discutir formas de acesso à temática durante a formação acadêmica.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo exploratório, transversal, de abordagem quantitativa descritiva, realizado de janeiro a dezembro de 2011. A população foi constituída por acadêmicos ingressantes nos 23 cursos de graduação de uma universidade pública federal localizada no Triângulo Mineiro, distribuídos nos cursos de: Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Física, Fisioterapia, Geografia, História, Letras, Matemática, Medicina, Nutrição, Psicologia, Química, Serviço Social e Terapia Ocupacional, totalizando 1.324 alunos. A participação na pesquisa se deu por amostragem não probabilística por conveniência, conforme a disponibilidade individual de cada acadêmico em participar da pesquisa e, por se encontrar presente no local e no momento da coleta dos dados.

Utilizou-se, para a coleta de dados, um questionário estruturado, autoaplicável, elaborado pelas pesquisadoras, composto por 23 questões, distribuídas em duas partes. A primeira parte referiu-se a questões de caracterização do perfil sociodemográfico dos acadêmicos, composta por variáveis como: sexo, idade, procedência, raça/cor da pele, estado civil, chefia de família e número de filhos. A segunda parte abordava o conhecimento sobre violência sexual infantojuvenil, rede de proteção e os principais meios de comunicação que informam sobre o tema. Nesta seção do questionário foi permitido aos participantes da pesquisa assinalar mais de uma alternativa, conforme a convergência de seus interesses.

Na formulação do questionário, foram considerados os seguintes documentos-base: o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil (2002)⁽⁸⁾, o Plano Estadual de Minas Gerais de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil (2009)⁽⁹⁾ e o

Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil em Minas Gerais (PAIR)⁽¹⁰⁾.

Previamente, os questionários foram aplicados em um grupo piloto composto por um representante de cada curso de graduação a ser pesquisado, para melhor adequação da linguagem das questões. Em seguida, os questionários foram aplicados coletivamente, em sala de aula, a partir da autorização do docente presente e após assinatura do termo de livre consentimento do acadêmico participante, preservando seu anonimato. O preenchimento das questões teve duração média de 20 minutos. Foram considerados critérios de inclusão: ser acadêmico regularmente matriculado nos cursos de graduação da universidade e estar cursando o primeiro período. Como critério de exclusão considerou-se: a participação de acadêmicos com menos de 18 anos, e não se encontrar presente em sala de aula durante a aplicação do questionário. Para os acadêmicos portadores de deficiência visual, uma equipe previamente preparada para a coleta de dados procedeu à leitura das questões individualmente.

Para análise dos dados, foi constituído banco de dados no software Excel® e posterior transposição para o operador SPSS versão 17.0. Uma análise descritiva das variáveis foi realizada considerando média, frequências absolutas e relativas, valores de mínimo e máximo.

Esta pesquisa foi desenvolvida respeitando os preceitos éticos da Resolução CNS 196/96, conforme Parecer nº 1.721 do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2011, foram ofertadas pela universidade em estudo 1.324 vagas para graduação nas áreas de saúde, humanas e exatas. Participaram deste estudo 946 estudantes (70,2%). A média de idade dos respondentes foi de 19,5 anos, com idade mínima de 18 anos e máxima de 69 anos. Dentre os respondentes, 78,2% possuíam até 21 anos de idade, 566 (59,8%) eram do sexo feminino, 886 (93,7%) eram solteiros, e 748 (79,0%) referiram ter cor da pele branca. Quanto aos municípios de procedência, dos 181

citados, os que apresentaram maior prevalência foram Uberaba-MG com 335 (35,4%), Ribeirão Preto-SP com 60 (6,3%) e Franca-SP com 53 (5,6%). Os outros 178 municípios citados apareceram com percentual inferior a 2% (Tabela 1).

No Brasil, em torno de 36% dos jovens cursam ensino superior, sendo que apenas 25% destes estão em universidades públicas⁽¹¹⁾. Uma vez que o acesso às instituições públicas de ensino superior é concorrido, os jovens que ingressam nessas instituições são mais preparados e informados quando comparados aos que frequentam instituições privadas ou aos que não ingressaram no ensino superior⁽¹¹⁻¹⁴⁾.

Apesar dos universitários de instituições públicas constituírem uma pequena parcela dos jovens brasileiros, eles exercem um papel de influência nos comportamentos e na formação de opinião de outros jovens. Sendo assim, é importante se obter uma melhor compreensão dos comportamentos sexuais e suas fontes de informações, considerando os conflitos vivenciados na vida acadêmica universitária, para melhor protegê-los quanto à violência sexual infantojuvenil⁽¹¹⁻¹⁴⁾.

Quanto ao perfil dos universitários participantes desta pesquisa, aspectos sociodemográficos são semelhantes ao descritos em outros estudos realizados em universidades públicas, em que prevalece o sexo feminino, com idade até 25 anos, cor da pele branca, solteiros, sendo a maior parte dos ingressantes oriundos de ensino médio em escolas privadas⁽¹²⁻¹⁴⁾.

Quanto ao meio de comunicação que mais utilizam habitualmente, os universitários informaram a *Internet* (71,7%), seguida pelo telefone (11,8%) e a televisão (11,4%). Observa-se que, diante dos intensos avanços tecnológicos e suas implicações no cotidiano de vida dos jovens, era esperado que a *Internet* fosse apontada como principal meio de comunicação utilizado pelos universitários da presente pesquisa. De forma geral, a *internet* constitui-se atualmente como uma relevante fonte de pesquisa, informação, estudo, recreação e instrumento de trabalho para a sociedade^(1,13).

Tabela 1: Distribuição dos acadêmicos segundo aspectos sociodemográficos. Uberaba/MG, 2011.

Variáveis	n	(%)
Sexo		
Feminino	565	59,7
Masculino	380	40,2
Sem informação	1	0,1
Faixa etária		
18 - 20 anos	598	61,1
20 - 25 anos	230	26,6
>25 anos	118	12,3
Raça/cor da pele		
Branca	748	79,1
Não Branca	188	19,9
Sem Informação	10	1,0
Estado civil		
União Estável/Casado	46	4,9
Desquitado/Divorciado/Viúvos	11	1,1
Solteiros	886	93,7
Sem Informação	3	0,3

Na *Internet*, a busca de informações é mais direcionada e facilitada, diferente da dinâmica televisiva, que traz uma programação diária pré-estabelecida, em que é possível mudar o canal, mas, às vezes, é necessário assistir um programa na íntegra, para conseguir acessar uma notícia ou determinada atração, comprometendo o interesse dos telespectadores. Mesmo assim, a televisão se mantém, através dos anos, como importante fonte de informação, relacionada ao seu baixo custo e possibilidade de aquisição do eletrodoméstico por famílias de diferentes classes sociais^(1,13).

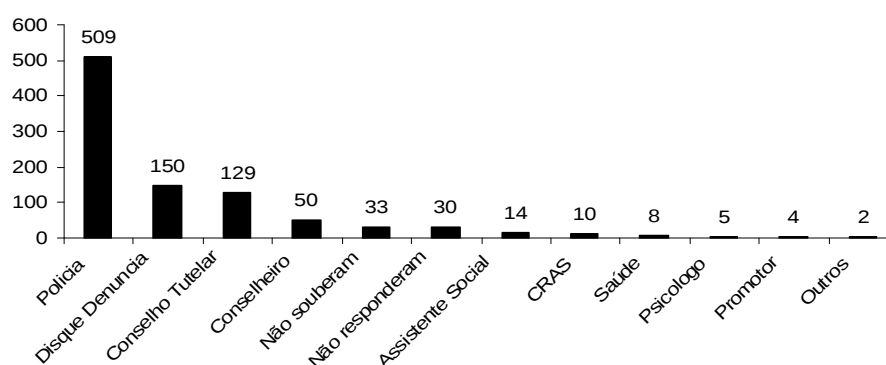
Quanto à obtenção de informações sobre violência sexual infantojuvenil, abuso sexual e pedofilia foram os temas mais mencionados pelos universitários. Sendo que a televisão e a *Internet* foram os meios de comunicação mais recorrentes para a obtenção das informações pelos universitários sobre qualquer um dos tipos de violência sexual infantojuvenil (Tabela 2).

Observa-se que, as informações sobre o tema violência sexual infantojuvenil são pouco discutidas em âmbito familiar. Os diálogos familiares como fonte de obtenção de informações conforme os resultados do presente estudo são superados pela TV, *Internet*, jornais e revistas, e até mesmo pelos amigos. Nesse sentido, há que se investir para melhorar o aspecto do diálogo no ambiente familiar, entre pais e filhos, no que diz respeito à sexualidade, tendo em vista o crescente número de vítimas de violência sexual infantojuvenil^(15,16).

Quando indagados sobre qual instituição seria acionada para o primeiro atendimento em casos de violência sexual infantojuvenil, mais da metade (53,8%) referiu a polícia, seguida do disque-denúncia (15,9%) e do Conselho Tutelar (13,6%) (Figura 1).

Tabela 2: Distribuição das frequências absoluta e relativa dos meios de comunicação identificados como fonte de informações conforme os tipos de violência sexual infantojuvenil. Uberaba/MG, 2011. n=946

Meios de comunicação	Tipo de violência sexual infantojuvenil											
	Abuso sexual		Exploração sexual		Pedofilia		Pornografia infantil		Turismo sexual		Tráfico sexual	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Amigos	56	5,9	31	3,3	49	5,2	37	3,9	25	2,6	14	1,5
Celular	2	0,2	1	0,1	4	0,4	5	0,5	2	0,2	3	0,3
Família	40	4,2	20	2,1	32	3,4	13	1,4	11	1,2	16	1,1
Internet	269	28,4	246	26,0	293	30,9	342	36,1	209	22,1	212	22,4
Rádio	33	3,5	28	2,9	30	3,2	23	2,4	17	1,8	18	1,9
Revistas e Jornais	183	19,3	157	16,6	167	17,6	115	12,2	117	12,4	119	12,6
Televisão	708	74,8	678	71,7	682	72,1	484	51,2	509	53,8	586	61,1

**Figura 1.** Distribuição das instâncias de notificação identificadas pelos universitários para o primeiro atendimento nos casos de violência sexual infantojuvenil. Uberaba/MG, 2011.

Quanto à notificação dos casos de violência sexual infantojuvenil, estudos apontam que o maior número de notificações deve ser primeiramente no conselho tutelar, pois esse órgão caracteriza-se como porta de entrada de diversas situações de vulnerabilidade das comunidades⁽¹⁷⁻¹⁹⁾. No presente estudo, pelo contrário, os universitários pesquisados apontaram a polícia como primeiro órgão a ser notificado em casos de violência sexual, e referiram pouco conhecimento sobre a existência do recurso disque-denúncia, ou seja 50% dos universitários referiram desconhecer a existência

do disque-denúncia em seu município de procedência ou de origem.

Conforme o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infantojuvenil (PNEVSIJ) é importante que haja investimento em eixos estratégicos como a análise da situação da violência, mobilização e articulação da sociedade, defesa e responsabilização quanto aos direitos das crianças e adolescentes, atendimento qualificado às vítimas, prevenção das ocorrências e, principalmente, o protagonismo juvenil^(8,19,20).

Nesse aspecto, é necessário fornecer uma melhor orientação aos jovens universitários

sobre uma intervenção adequada diante dos casos suspeitos de violência sexual infantojuvenil, indicando a atuação de uma rede de proteção, uma vez que os jovens pesquisados não parecem ter conhecimento desses mecanismos.

Dessa maneira, destaca-se a necessidade de apoiar e fortalecer a rede de proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes, com vistas à otimização dos recursos existentes, à prevenção das situações de abuso e exploração, ao fortalecimento do sistema de proteção e responsabilização e à consequente melhoria assistencial às crianças, adolescentes e jovens⁽²⁻⁵⁾.

No presente estudo, a importância de se aproximar da temática da violência sexual infantojuvenil durante a formação acadêmica foi reconhecida por 665 alunos (69,2%), porém apenas 40 já tinham participado de algum evento científico ou curso sobre a temática. Os assuntos apontados como de maior interesse foram o desenvolvimento psicossocial (n=516); conceitos sobre abuso, exploração, tráfico e outros (n=324) e práticas de atendimento eficiente às vítimas (n=244). A forma preferencial para a abordagem dos temas mostrou-se diversificada: discussão de casos (70,4%), exibição de filmes e debates (60,0%) e aulas expositivas (41,3%) (Tabela 3)

Tabela 3: Distribuição das categorias de interesse sobre temas e método de abordagem quanto a violência sexual infantojuvenil durante a formação acadêmica, conforme perspectiva dos universitários. Uberaba/MG, 2011. n=946

Categorias de interesse	n	(%)
Temas		
Desenvolvimento psicossocial da criança e adolescente	516	54,5
Conceitos sobre abuso, exploração e tráfico	324	34,2
Práticas de atendimento eficiente	244	25,8
Função dos serviços de atendimento	191	20,2
Turismo sexual	147	15,5
Método de abordagem		
Discussão de casos	571	70,4
Exibição e debate de filmes	568	60,0
Aula expositiva	391	41,3
Oficinas	212	22,4
Trabalho de grupo	199	21,0
Estudo de textos em sala de aula	125	13,2
Educação à distância	30	3,2

Observou-se que há pouca expressão da abordagem da temática da violência sexual infantojuvenil durante a formação acadêmica, refletido no fato de que a maioria dos universitários pesquisados relatou nunca ter participado de eventos ou cursos voltados à essa questão. Neste sentido, é colocado um desafio às instituições de ensino para a incorporação do tema na organização das grades curriculares, até mesmo como estratégia para uma proteção à vida dos jovens universitários^(13,14,18,20).

Diante dessa realidade, a abordagem temática de questões que envolvam a sexualidade na formação profissional, como a violência sexual infantojuvenil, deveria ser inovadora, de maneira a propiciar, sinergicamente, um comportamento sexual mais seguro entre os próprios universitários, como também, nas populações a serem assistidas por eles no futuro. Com isso, conhecer as opiniões, fontes de informações e o próprio comportamento sexual de universitários apresenta-se como estratégia para a

implementação de práticas mais efetivas de proteção à saúde^(11,20).

É imprescindível que sejam empregadas diferentes formas de abordagens do tema, avaliadas para cada situação acadêmica, respeitando os contextos de vida dos universitários, favorecendo uma compreensão multidimensional desta violência e sua expressão na particularidade de cada caso.

Nesse sentido, ressalta-se que para o enfrentamento da violência sexual infantojuvenil, é essencial o intenso compromisso político e ético de diversas instituições, incluindo as universidades, no sentido de promover a construção de mecanismos sociais que sejam capazes de emancipar as populações vulnerabilizadas e em risco para esse agravo⁽²⁾.

Dessa maneira, abordar a temática junto aos jovens universitários apresenta-se como subsídio ao enfrentamento do agravo, na medida em que auxilia os jovens na tomada de decisões pessoais, fortalecendo seu protagonismo e orientando-os para uma ação articulada na rede de proteção. Vale destacar que quando crianças e/ou adolescentes não podem contar com uma rede de apoio social ou afetiva para enfrentar uma situação de crise – sejam elas enfermidades, questões inerentes ao seu desenvolvimento e crescimento, ou apoio na formação intelectual, – o que os tornam mais vulneráveis à violência sexual^(2,15-19).

CONCLUSÃO

Como visto, está se tornando cada vez mais fácil, mais rápido e mais frequente entre os

jovens a obtenção de informações sobre o tema. Comunicar-se utilizando a *Internet* é cada vez mais frequente entre os jovens, e a televisão continua sendo um importante veículo de informações para essa faixa etária. Por esta razão, canais de comunicação precisam ser estreitados entre universidades e os jovens quando se trata da abordagem da violência sexual infantojuvenil, sendo essencial o desenvolvimento de estratégias que apoiem o protagonismo desses atores.

Vale lembrar que a violência sexual infantojuvenil representa um fenômeno complexo e de impactos negativos à sociedade atual. A visibilidade desse agravo, o manejo adequado dos casos e o fortalecimento da rede de proteção são aspectos que necessitam de incremento tanto de ações governamentais quanto da sociedade civil. Dessa maneira, a aplicação de estratégias inovadoras que se aproximem das realidades vivenciadas pelas crianças e adolescentes representa um caminho para abordagens mais efetivas desta violência.

Sendo assim, o reconhecimento da importância da temática da violência sexual na formação acadêmica evidencia o comprometimento coletivo com a causa, e embora não seja um assunto de fácil implementação, a identificação dessa área como de interesse na formação acadêmica propiciará a abertura de novos caminhos ao enfrentamento do agravo. Dessa maneira, os resultados obtidos neste estudo podem direcionar o planejamento de ações relacionadas ao maior diálogo entre academia, sociedade civil e poder público, a fim de promover abordagens mais efetivas para a violência sexual infantojuvenil.

THE ACQUISITION OF INFORMATION ON JUVENILE SEXUAL VIOLENCE BY UNDERGRADUATE STUDENTS IN THE TRIANGULO MINEIRO

ABSTRACT

The aim of this study is to characterize undergraduate freshman students at a public university in the Triângulo Mineiro, a region in the Brazilian state of Minas Gerais; to describe how they obtain information regarding juvenile sexual violence; and to discuss ways to integrate the theme into their formal education. This is an exploratory, cross-sectional, quantitative-descriptive study, using data collected by means of a structured and self-administered questionnaire in classrooms at the university in 2011. A total of 946 students (70.2% of all freshmen) participated in the study, with a mean age of 19.5 years, 59.8% of which were female, 93.7% were single, 79.0% white, and most of them completed high school at private educational institutions. Sexual abuse and pedophilia were the most well-known themes among the study participants, and television and the Internet were the communication media through which most obtained information on these themes. Only 40 undergraduates had attended courses or events that addressed the issue of juvenile sexual violence, and they identified several ways to approach juvenile sexual violence in university education, such as case studies, watching and discussing films, and lectures. Channels of communication must be enhanced between universities and young students in order to

improve the treatment of juvenile sexual violence. The results of this study can guide actions towards a better dialogue among educational institutions, society and government so as to promote more effective approaches to combat juvenile sexual violence.

Keywords: Communications Media. Sexual Violence. Data Collection. Adolescent Health.

OBTENCIÓN DE INFORMACIÓN SOBRE LA VIOLENCIA SEXUAL INFANTOJUVENIL ENTRE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS DE TRIANGULO MINEIRO

RESUMEN

Este estudio tiene el objetivo de caracterizar a los jóvenes estudiantes del primer año de una universidad pública en Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; de describir cómo obtienen informaciones sobre violencia sexual infantojuvenil, y de discutir maneras de acceso al tema durante su formación académica. Se trata de estudio exploratorio, transversal, cuantitativo-descriptivo. Los datos fueron recogidos mediante un cuestionario estructurado, auto-aplicable en las aulas de clase, en 2011. Participaron 946 estudiantes (70,2% del total de estudiantes del primer año), edad promedio 19,5 años, 59,8% del sexo femenino, 93,7% solteros, 79,0% color de la piel blanca, la mayoría frecuentó la enseñanza secundaria en escuelas privadas. Abuso sexual y pedofilia fueron los temas más conocidos por los universitarios. Televisión e Internet fueron los medios de comunicación de donde más obtuvieron informaciones sobre el tema. Sólo 40 estudiantes habían participado de cursos o eventos que abordasen este asunto. Se identificaron varias maneras de abordaje de la violencia sexual infantojuvenil en la formación académica, como: estudios de caso, exhibición y discusión de películas, además de las clases expositivas. Canales de comunicación necesitan ser estrechados entre las universidades y los jóvenes, con el fin de mejorar los abordajes a la violencia sexual infantojuvenil. Estos resultados pueden orientar acciones de mayor diálogo entre universidades, sociedad civil y poder público, para promover enfoques más eficaces en el enfrentamiento de la violencia sexual infantojuvenil.

Palabras clave: Medios de Comunicación. Violencia Sexual. Recolección de Datos. Salud del Adolescente.

REFERÊNCIAS

1. Mamede-Neves MAC. As voltas e viravoltas dos jovens do início do século XXI. *Pesqui prá psicossociais*. 2010; 5(1):39-52.
2. Paixão ACW, Deslandes SF. Abuso sexual infantojuvenil: ações municipais de saúde para a garantia do atendimento. *Ciênc saúde colet*. 2011; 16(10):4189-98.
3. Veronese JRP. Violência e exploração sexual infantojuvenil: uma análise conceitual. *Psic clin*. 2012; 24(1):117-33.
4. Godoi MR, Neves L. Corpo, violência sexual, vulnerabilidade, e educação libertadora no filme: Preciosa: uma história de esperança. *Interface comun saúde educ*. 2012; 16(41):409-21.
5. Veronese JRP, Silva RL. O acesso à cultura, informação e entretenimento e as medidas de prevenção previstas no estatuto da criança e do adolescente. *Rev Sequência*. 2009. [citado 2012 out]; 30(59):299-326. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/14157>.
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília(DF); 2010.
7. Campos MATF, Vieira CDD, Mota JAC. A Infância sem segredos: a noticiabilidade jornalística do crime de exploração sexual de crianças e adolescentes. *Interface comun saúde educ*. 2009; 13(30):17-29.
8. Ministério da Justiça (BR). Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil. 3ª. ed. Brasília(DF): SEDH/DCA; 2002.
9. Minas Gerais. Governo do Estado de Minas Gerais. Secretaria de Desenvolvimento Social. Plano Estadual para o Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes do Estado de Minas Gerais; 2009.
10. Cunha EP, Silva EM, Giovanetti MAGC. Enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil: expansão do PAIR em Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG; 2008.
11. Moreira MRC, Santos JFFQ. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. *Esc Anna Nery*. 2011; 15(3):558-66.
12. Franca C, Colares V. Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. *Rev saúde pública*. 2008; 42(3):420-27.
13. Mamede-Neves MAC, Duarte R. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. *Educ soc*. 2008; 29(104):769-89.
14. Oliveira MD, Silva LLM. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. *Psicol esc educ*. 2010; 14(1):23-34.
15. Justino LCL, Ferreira SRP, Nunes CB, Barbosa MAM, Gerk MAS, Freitas SLF. Violência sexual contra adolescentes: notificações nos Conselhos Tutelares, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Rev gaúcha enferm*. 2011; 32(4):781-7.
16. Baptista RS, França ISX, Costa CMP, Brito VRS. Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. *Acta Paul Enferm*. 2008; 4(21):602-8.

17. Sequeira VC, Monti M, Braconnot FMO. Conselhos tutelares e psicologia: Políticas Públicas e Promoção da Saúde. *Psicol estud*. 2010; 15(4):861-6.
18. Figueiredo MFS, Rodrigues-Neto JF, Leite MTS. Modelos aplicados à atividades de educação em saúde. *Rev bras enferm*. 2010; 1(63):117-21.
19. Iwamoto HH, Oliveira RC, Camargo FC, Tavares LC, Oliveira LP. Violência sexual infanto-juvenil sob a óptica dos informantes-chave. *Rev Eletr Enf*. [on-line]. 2010. [citado 2012 out 15]; 12(4):647-54. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a08.htm>. doi: 10.5216/ree.v12i4.11699.
20. Martins CBG; Mello- Jorge MHP. Maus-tratos contra crianças e adolescentes em município do sul do Brasil: características dos agressores. *Cienc cuid saude*. 2009; 8(3):419-27.

Endereço para correspondência: Helena Hemiko Iwamoto. Av. Getúlio Guaritá, 107. CEP: 38025-440. Uberaba, Minas Gerais.

Data de recebimento: 30/05/2013

Data de aprovação: 16/09/2013